

O Estado de S. Paulo

12/1/1994

REPORTAGEM DE CAPA

Bóia-fria rende mais no canavial

Estimulado com benefícios sociais, complementos no salário e prêmios, o cortador de cana já colhe em média nove toneladas por dia

CARLOS ALBERTO NONINO

A produtividade dos trabalhadores das usinas de cana-de-açúcar tende a melhorar nos próximos anos. Depois da greve dos cortadores de cana de Guariba, em 1984, a categoria se organizou, se fortificou e obteve para si benefícios sociais que acabaram favorecendo também as usinas. A exemplo da Usina da Pedra, em Serrana (SP), várias empresas distribuem leite de soja no canavial, constatando ser esta uma das causas do aumento na média de toneladas de cana colhidas por trabalhador.

Já a Usina Junqueira, em Igarapava (SP), inovou, prometendo prêmio,— correspondente à metade do salário médio obtido durante a safra — a cada cortador que atingisse o rendimento de 99,37 toneladas/hectare. A meta não foi atingida, chegando a 96,09 t/ha, mas outros fatores influíram, como o amarelinho, doença que atingiu boa parte dos canaviais. Por isso, o prêmio foi concedido do mesmo modo.

Sorteio — A Destilaria Moreno, de Luís Antônio (SP), também estimulou os empregados a melhorar o desempenho. Estabeleceu um sorteio, oferecendo um Voyage zero quilômetro, como primeiro prêmio, e três televisores, três vídeo-cassetes e três aparelhos de som, aos quais concorreram os empregados por meio de cupons obtidos a cada mês sem falta ao trabalho. Só entraram no concurso os funcionários das áreas administrativa e industrial, ficando de fora os do setor agrícola. "Pelos bons resultados que tivemos, concluímos que foi um erro não incluir os cortadores de cana", diz o assessor da diretoria, José Américo Baratela. Neste ano o erro será reparado e haverá uma casa entre os prêmios.

Nas promoções, só concorreu quem não faltou ao serviço. No caso da Usina Junqueira, o que se buscou foi o empenho coletivo. Segundo o gerente da área agrícola Admar Strini Junior, "todos os trabalhadores se dedicaram em favor do aumento da produtividade por hectare". Para ele, os funcionários não apenas procuraram melhor rendimento no corte, como também evitaram desperdício de cana no transporte.

O objetivo de estímulo à frequência foi atingido. Na Destilaria Moreno, com os trabalhadores das áreas administrativa e industrial, conseguiu-se reduzir o índice de faltas para 3%, enquanto o dos cortadores manteve-se em 15%, na média diária. Daí a "falha" em não incluí-los.

Cansaço — O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sales Oliveira, Tadeu Urbinati, diz que não é favorável a esse tipo de incentivo à produtividade, com prêmios, porque o trabalhador pode querer dar além do possível e se arrebrantar com maior esforço físico. Sustenta que já houve muitos casos de cortadores de cana que ficaram doentes ao longo da jornada de trabalho, por pretenderem render mais do que podiam.

Urbinati explica que as faltas ao trabalho se devem ao cansaço. Observa, também, para reforçar a tese de que o corte da cana é um serviço pesado, que o índice de rendimento que o trabalhador consegue das 7 às 11 horas da manhã não mantém depois desse horário. "Ele rende-se ao cansaço", completa.

A gerente de assistência social da Usina da Pedra, Sueli Aguiar Garnier, tem outras explicações para as faltas dos cortadores de cana. "É até uma questão cultural", diz. "Muitos trabalhadores não comparecem nos dias de festas religiosas, mesmo não sendo feriado". Mas os dias de maior falta são o sábado, em função da realização de compras, e a segunda-feira, o "dia da ressaca".

Além disso, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serrana, Adão Amaro, lembra que o cortador de cana, em geral, não se alimenta bem. "Alguns trabalhadores conseguem cortar bastante cana, se estiverem bem alimentados", diz. "Eu mesmo quando fazia esse serviço, cortava até 20 toneladas por dia, mas a maioria não chega a oito toneladas".

MELHORA NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO COMEÇOU COM A GREVE DE GUARIBA

Legenda de foto:

Embora os cortadores de cana tenham conquistado vários benefícios, firmando-se como forte categoria, eles ainda desenvolvem um trabalho penoso, que exige muito esforço físico (Waldemar Padovani/AE)

Colheita mecânica custa menos que manual (Mary Abboud/AE)

(Página 10 — SUPLEMENTO AGRÍCOLA)